

O MODELO DO HOMEM DE LETRAS NO FINAL DA IDADE MÉDIA: O CASO DO CONDESTÁVEL D. PEDRO DE PORTUGAL

ELISA NUNES ESTEVES

Universidade de Évora

Com esta comunicação tentarei corresponder ao tema proposto para o V Colóquio da secção portuguesa da AHLM, «Modelo», centrando a minha atenção numa figura que me parece encarnar um modelo do Homem de Letras no seu tempo, o Condestável D. Pedro de Portugal. Sem trazer aqui dados novos sobre esta personagem, julguei que seria interessante apresentar algumas linhas de leitura da sua obra¹ a partir de um olhar mais focado em reflexões sobre a escrita presentes nos paratextos das suas obras maiores, que não são apenas discursos sobre a circunstância de cada um deles, nomeadamente as dedicatórias a membros da sua família, mas revestem-se também de uma função metatextual e assim se tornam importantes fontes para o conhecimento do pensamento do escritor.

D. Pedro, Condestável de Portugal, Mestre de Aviz e Conde de Barcelona, conhecido como *o Condestável* para melhor se distinguir de toda uma galeria de ilustres figuras homónimas como D. Pedro I, o rei, D. Pedro, o conde Barcelos ou D. Pedro, o Infante, seu pai, parece ser, entre estes, o que menos interesse tem suscitado aos historiadores, quer os da história política e social, quer os da história da literatura e da cultura portuguesas. Talvez porque tendo nascido em Portugal, em 1429, filho mais velho do regente do Reino e de uma princesa de Aragão, passou fora de Portugal alguns períodos da sua curta vida. Para além de esporádicas viagens, em missões diplomáticas ou militares, nomeadamente no norte de África, destaca-se o período de exílio em Castela, que durou sete anos, passados com «muyta pacyencia de grandes necesydades e desaventuras» nas palavras de Rui de Pina². Depois de reintegrado no Reino, por seu primo, D. Afonso V, D. Pedro voltou a sair, desta vez para perseguir, sem glória, a inesperada oportunidade de ascender à dignidade real, numa terra que lhe era estranha e no meio de um povo que acabou por não o aceitar. Foi *rei intruso* na Catalunha durante dois anos e meio (1464-1466) e aí encontrou a morte, no dia de S. Pedro do ano de 1466. Para a história da literatura fica traçado um perfil que reflecte esta oscilação da sua vida, dispersa por lugares diferentes no espaço peninsular. Enfatiza-se o facto de ser um autor bilingue que introduziu em Portugal a moda de escrever

¹ Fiz a leitura a partir da edição elaborada pelo Prof. Adão da Fonseca, *Obras Completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*, Lisboa, Gulbenkian, 1975. Todas as citações são retiradas desta obra. Para os dados biográficos tomei também como referência a obra do mesmo autor, *O Condestável D. Pedro de Portugal*, Porto, INIC, 1982. São ainda fontes bibliográficas deste meu trabalho os estudos de Elena Gascon Vera, *Don Pedro, Condestable de Portugal*, Madrid, Fundacion Universitaria Española, 1979, o de Aida Fernanda Dias, *Coplas del menosprecio e contempto de las cosas fermosas del mundo*, Coimbra, Almedina, 1976, bem como o estudo introdutório à edição da *Tragedia* de Carolina M. de Vasconcelos publicada em *Dispersos. Originais Portugueses, I Varia* (1º vol.) Lisboa, Ed. da Revista Ocidente, 1969 (pp. 348-382).

² Rui de Pina, *Crónica do Senhor Rey D. Afonso V, Crónicas de Rui de Pina*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1977, p. 772.

em castelhano, que depois muitos escritores portugueses vão adoptar, como Gil Vicente, Camões, D. Francisco Manuel de Melo para só mencionar os mais ilustres. Em boa verdade, ele domina as três línguas principais da cultura ibérica do seu tempo. Elegeu o castelhano para as suas obras mais importantes, opção que, como sabemos, fundamentadamente assume e deixou em português escassos versos e algumas cartas. O catalão foi usado também em produção epistolográfica. O estatuto de precursor vem ainda associado às suas leituras, já que tem sido apontado como o primeiro português que leu, em tradução castelhana, um diálogo de Platão, *Fedón*³. Tornou-se conhecido na história literária portuguesa e espanhola também por ser o destinatário da famosa Carta que o Marquês de Santillana lhe enviou a acompanhar algumas das suas obras. Relendo hoje essa mesma Carta ficamos com a impressão que D. Pedro terá sido naquela época uma figura muito mais importante, do ponto de vista social e intelectual, do que aquilo que transparece em algumas abordagens modernas ao percurso biográfico desta personagem, com excepção naturalmente dos estudos especializados, monográficos, que não são muito abundantes.

O *Prohemio e Carta qu'el Marqués de Santillana enbió al Condestable de Portugal con las obras suyas*, texto de tipologia complexa, para onde convergem por um lado as fórmulas e a estrutura próprias do género epistolar e por outro uma composição e um estilo adequados a um texto que assume propósitos de orientação e guia de leitura(s), foi enviado a D. Pedro quando ele era ainda jovem, teria menos de vinte anos seguramente. O poeta castelhano, que teria por esta altura cerca de cinquenta anos, parece ter por ele já uma grande admiração. Não só porque corresponde ao seu pedido, enviando-lhe as obras, o que também se pode explicar pelo relevo social e político da sua figura e da de seu pai, também mencionado na carta com o epíteto de «muy ínclito duque de Coímbra», mas pela forma como elogia o gosto que D. Pedro manifesta relativamente à Poesia. Em seu entender, isso só poderia significar que ele era possuidor de um elevado espírito.⁴ É provável que o respeito e a admiração que o poeta castelhano manifesta ter aqui por D. Pedro tenha surgido de encontros pessoais anteriores, na corte castelhana, onde o jovem terá causado forte impressão logo na primeira vez que aí chegou, como refere Rui de Pina ao relatar as circunstâncias em que, com quinze anos, foi enviado pelo pai na sua primeira expedição militar para auxiliar o rei castelhano D. João II, em luta contra a rebeldia dos infantes de Aragão:

(...) em seu recebymento lhe foy feyta honrra muy assynada; porque ElRey com toda sua Corte sahio ao receber, muy contentes, de ver hum Príncipe em todo tam proporcionado, em que muyto acrecentava a graça das rycas armas em que hia vistydo. E depois de passarem alguns dias, em que d' ElRey e dos grandes de seu Reyno, foy com muytas honras e festas tratado (...).⁵

Na *Carta* o Marquês de Santillana termina com uma exortação a D. Pedro para que não descure as Letras em favor das Armas porque não há incompatibilidade entre elas. Este conselho é dado com toda a legitimidade por alguém que encarnava o modelo que propunha

³ Cf. Elena Gascon Vera, *Don Pedro, Condestable de Portugal* p. 51.

⁴ Cf. (...) *nunca esta sciencia de poesia e gaya sciencia buscaron nin se fallaron sinon en los ánimos gentiles, claros ingenios e elevados spíritus*. (Marquês de Santillana, *Poesias Completas*, Madrid, Clásicos Castalia, 2003, p. 643).

ao seu jovem amigo. Ele personificava o ideal que defendia e que propusera anos antes a um outro jovem príncipe, Enrique, o filho de D. João II de Castela, igualmente numa carta-proémio a uma obra sua, *Provérbios*: «(...) la sciencia non enbota el fierro de la lança ni faze floxa la espada en la mano del cavallero (...)».⁶

Este reiterado conselho, dirigido a dois príncipes nascidos e educados para cumprirem acima de tudo a arte da cavalaria, como é próprio da sua classe, é um indício seguro de que se está aqui a propor uma alteração de mentalidades provavelmente ainda não muito pacífica. Não foram pelo menos sempre pacíficas as relações quer de D. Iñigo Lopez de Mendoza, quer do Condestável D. Pedro com os seus pares.

A doutrina exposta na Carta dirigida a D. Pedro teve seguramente bom acolhimento por parte do seu destinatário, até porque terá sido lançada em solo propício. É de crer que o jovem, nascido no seio de uma família cujo gosto pela cultura e pelos livros é por demais conhecido, tenha beneficiado de uma educação privilegiada, ao lado do futuro rei, para quem o infante D. Pedro escolhera bons mestres. É sobre a sua grande apetência e dedicação às Letras que nos importa reflectir, sem deixar de sublinhar que estamos perante uma figura muito empenhada na prática da acção política e militar ao longo da sua vida. Ele próprio o assume no Prólogo da *Tragedia de la Insigne Reina Dona Isabel*, uma carta — dedicatória dirigida ao seu irmão, o Cardeal D. Jaime, escrita em princípio de 1459. Nela justifica o carácter algo imperfeito da obra pelas circunstâncias atribuladas em que a mesma foi elaborada, em períodos alternados, sempre interrompidos pela guerra:

(...) al fyn forçadamente rompi la fabla con la priessa de la guerra. A la qual dexando todos otros cuydados me convenia de bolver mis sentidos, asy por el real mandamiento como por servir a Dios e por mi honor. Buelto ya de la guerra adonde Dios en nuestras manos puso la villa de Alcaçer, luego el aparejo de retornar en Africa a desçercar aquella del perfido rey de Fez nos ocupou. Asy que la subsequente obra mia no re/vista delibere de te embiar (...).⁷

Nesta carta, a que voltaremos mais adiante, D. Pedro põe de sobreaviso o seu destinatário relativamente ao carácter imperfeito da obra que lhe envia. Se a compararmos com os prólogos que antecedem as outras duas obras maiores do nosso autor, reencontramos com uma reiterada preocupação com a perfeição, um entre vários tópicos sobre a matéria literária e o processo de escrita que neles encontramos desenvolvidos. A *Sátira de infelice e felice vida*, composta pela primeira vez entre 1445 e 1449, em língua portuguesa, numa versão incompleta, traduzida e concluída em língua castelhana entre 1450 e 1453, portanto quando D. Pedro estava já exilado em Castela, está antecedida de uma longa carta em que o autor dedica esta «estudiosa e pequena obra» à irmã, a rainha D. Isabel. Aí se demora em interessantes considerações sobre a sua génese e as vicissitudes do processo de escrita. Fora para preencher os momentos de ócio que se lançara ao ofício da escrita, que ele expressivamente define como [dar] «la pluma a la negra agua», mas foi um trabalho árduo:

⁵ Rui de Pina, *Crónica.*, p.695. Sobre o significado e a importância político-diplomática e estratégica desta expedição veja-se Adão da Fonseca, *O Condestável D. Pedro de Portugal*, pp. 40-46.

⁶ Marqués de Santillana, *Poesias*, p. 370.

⁷ Luís Adão da Fonseca, *Obras*, p. 308.

Lo qual con todas /fuerças yo me esforce dezir, mas la rudeza de mi ingenio mesclada con la ignorancia fazian mi pluma muy menguadamente escribir lo que desseava. Assy que, escriviendo, muchas vegadas propuse de me retraher de lo comenzado e, retraydo, al dios Ulcano lo sacrificar. Pero, a la fin, salido del tal laberinto yo quise mas que la poca sabiduria mia a todos se manifestasse, que de mi amigable exercicio no coger algund fructo.⁸

Explicita também as razões que o levaram a abandonar o «maternal vulgar» em favor do «castellano romance», a língua que primeiro por força das circunstâncias adoptou mas que depois vem a reconhecer como adequada ao seu propósito, o de proporcionar o prazer da leitura através da novidade e da originalidade. Se parece seguro de vir a causar este efeito, D. Pedro não deixa contudo de pedir benevolência relativamente aos defeitos da sua «obrezilla», e também solicitar protecção contra possíveis detractores. Será esta uma diligência meramente retórica? O que temia D. Pedro? Talvez críticas pela sua entrega à escrita, em detrimento de outras actividades mais condizentes com o seu estatuto social. Eventualmente uma má aceitação da obra por ser em castelhano, ou apenas os reparos de leitores ignorantes com dificuldades em entender o texto, que ele admite que pode ser obscuro? Talvez este último aspecto o preocupasse mais já que antecipadamente se defende argumentando com a introdução das glosas, outra novidade que ele justifica:

Ffize glosas al testo, aunque, no sea acostumbrado por los antiguos auctores glosar sus obras. Mas yo, movido quasi por neçessidad, lo propuse fazer, considerando que, syn ello, mi obra paresçeria desnuda e sola, e mas causadora de quistiones que no fenesçedora de aquellas;⁹

Trata também de clarificar porque razão intitulou esta espécie de tratado sobre o amor cortês, como *Satira*, repetindo, como já foi várias vezes jotado, uma definição do género que coincide com a conhecida concepção proposta pelo Marquês de Santillana na Carta a D. Violante de Prades em que o poeta castelhano apresenta a sua *Comedieta de Ponça* (1443) e bastante difundida nos círculos literários da corte castelhana que D. Pedro certamente frequentava: «Sátira es aquella manera de hablar que tovo un poeta que se llamó Sátiro, el qual reprehendió muy mucho los vicijs e loó las virtudes».¹⁰

Pouco tempo depois, entre 1453 e 1454 e ainda no exílio, D. Pedro enviou a seu primo e cunhado, o rei D. Afonso V, as *Coplas del menesprecio e contempto de las cosas fermosas del mundo*, igualmente acompanhadas de um prómio - dedicatória. Mantém-se a mesma atitude de modéstia por parte do autor e o mesmo pendor retórico próprios deste tipo de discursos preliminares destinados a captar a atenção do leitor. Diz ele que nesta sua «obresilla», também designada como «obreta» e «breve obra», «se esfuerça a menospreçar las cosas fermosas del mundo e a demonstrar la su vana e feble beldad», convencido dos benefícios que se podem retirar da sua leitura. Revela também nesta carta que a concepção da obra ocorreu no decurso de uma viagem:

⁸ Luís Adão da Fonseca, *Obras*, pp. 5-7

⁹ Idem, pp. 9-10.

¹⁰ Marqués de Santillana, *Poesías*, p. 639.

(...) caminando por deportar e passar tiempo a la feria pasada de Medina, en mi viaje, hove la in/troduçion e la invencion dellos feriado [los mil versos mios acompanados de algunas glosas], e assi, antes que llegase a la feria, hove comprado aquello que mas valia que toda la feria, es a saber menospreçiar a las cosas que los mortales dessean com diligente e estudioso cuydado.¹¹

Lendo estas linhas podemos admitir tratar-se de uma verosímil nota de circunstância: o tempo livre de uma viagem foi ocasião propícia para o escritor conceber a sua obra. O motivo da viagem não é desvendado, mas é conhecida a importância de que se revestiram as feiras de Medina del Campo ao longo dos sécs. XV e XVI, não só em termos económicos mas também culturais. Sabe-se hoje que a cidade se transformou, sobretudo no séc. XVI, com o progressivo desenvolvimento do comércio, num importante centro tipográfico e livreiro¹², sendo portanto natural que já em meados do séc. XV atraísse a atenção de um intelectual como D. Pedro, que cultivava o gosto pelos livros e por outras formas de arte que igualmente se podiam encontrar neste mercado de dimensão internacional. Creio, contudo, que a referência à feira de Medina transcende este nível circunstancial e é mais do que uma nota realista. D. Pedro tira partido das potencialidades alegóricas do significado da Feira, lugar mundano de trocas de bens terrenos, espaço de ostentação e frivolidade, para melhor ilustrar, pelo contraste, a mensagem transmitida pela sua obra e os valores que nela se defendem. Gil Vicente irá servir-se da mesma alegoria, mais de meio século depois, no *Auto da Feira* (1527), uma peça que tem também uma nítida intenção moralizadora e onde esta mesma feira de Medina é mencionada. A inspiração com que o nosso autor foi bafejado — não a das musas do Parnaso, que rejeita, mas a da «moral philosophia», a santa musa¹³ — no decurso da viagem preparou o seu espírito para evitar tentações e dar às mercadorias deste mundo o devido valor, e ao mesmo tempo tornou-o um agente desta doutrina através da obra que veio a escrever. É por isso que no final do prólogo ele se dirige aos seus leitores neste tom exortativo, intensificado pela acumulação dos verbos: «E assi yo a los leyentes suppllico, rrequiero e ruego que oyan las mias [palabras] como aquel que dessea ver emendado a si e a los otros.»¹⁴

Tanto na *Satira* como nas *Coplas*, e depois também na *Tragedia* o poeta parte das suas experiências pessoais¹⁵ e eleva-as a um plano superior mais alargado, mais universal, procurando fazer doutrina. Assim se compreende que dirigindo as obras a um destinatário específico, as projecte simultaneamente para um grupo mais vasto de leitores que prevê que venham a beneficiar da sua mensagem edificante. E este conceito da literatura ou da poesia ligado a propósitos moralizantes e não apenas ao entretenimento, ajusta-se claramente ao que vigorava no seu tempo.¹⁶

¹¹ Luís Adão da Fonseca, *Obras*, p. 182.

¹² A mais famosa obra aí editada é versão do *Lazarillo de Tormes* de 1554.

¹³ Referimo-nos ao conteúdo das famosas coplas 63 e 64 e respectivas glosas, em que o poeta faz esta distinção.

¹⁴ Luís Adão da Fonseca, *Obras*, p. 184.

¹⁵ Aida Fernanda Dias refere-se a isso mesmo a propósito das *Coplas*, cuja redacção foi seguramente motivada pela observação do que se passara com a sua família e em Castela, onde pôde presenciar terríveis conflitos.

¹⁶ É o conceito defendido pelo Marquês de Santillana na Carta que enviou a D. Pedro.

A *Tragedia*, escrita já em Portugal, em finais de 1457, não rompe com estes conceitos, embora revele algumas diferenças que apontam no sentido de um certo refinamento e depuração estilística. É uma obra em verso e em prosa mas os dois registos pertencem ao mesmo plano discursivo, ao contrário do que acontecia na anterior, em que a prosa era usada apenas para as glosas. A conjugação do verso e da prosa e a dinâmica que daí resulta é aliás a característica apontada por Elena Gascon Vera como a que melhor caracteriza o carácter inovador da obra. No estudo que lhe dedica,¹⁷ a autora refere que D. Pedro adoptou claramente o conceito que se teria deste género no séc. XV e cuja definição, dada pelo Marquês de Santillana na mesma Carta que referimos anteriormente (Carta a D. Violante de Prades sobre a *Comedieta de Ponça*), ele conheceria:

Tragedia es aquella que contiene en sí caídas de grandes reys e príncipes (...), cuyos nascimientos e vidas alegremente se començaron e grande tienpo se continuaron e después tristemente cayeron. (...).¹⁸

Distanciou-se contudo do uso apenas do verso regular, que era o mais comum, fazendo alternar, como já dissemos, a prosa e o verso, em estrofes de rima e métrica variadas, numa obra em que abandonou completamente o uso das glosas. O texto é mais longo que os anteriores, mas o Prólogo bastante mais curto que os que antecedem a *Satira* e as *Coplas*. Aqui o motivo que desencadeou a escrita foi o profundo desgosto pela morte da irmã, num momento em que se preparava para saborear o termo do longo exílio a que tinha sido sujeito. O estado de angústia e tristeza levou-o a mergulhar nos livros à procura de consolo em memórias de casos semelhantes ao seu. Usando uma metáfora e uma significativa comparação caracterizou assim o seu desespero: «Metido pues en el pielago de los esto/riografos e de los sabios, asy me fue tras la lectura como el pez en pos del anzuelo.»¹⁹

À leitura aliou-se a escrita dando origem à obra, várias vezes interrompida pela circunstância da guerra, como já salientámos, o que leva o autor a precaver o seu leitor relativamente a possíveis falhas que nele possa encontrar. Apesar de imperfeito foi contudo necessário pôr termo ao trabalho: «Asy que la subseguente obra mia no re/vista delibere de te embiar, cortando la Perezosa tella de la casta Penelope (...)»²⁰. Parece-me muito rica de sentido e expressividade esta metáfora, que implica por um lado uma determinada concepção do trabalho de escrita, uma combinação de fios/palavras, um trabalho sempre provisório, sempre sujeito ao fazer e desfazer, num processo de contínuo adiamento, neste caso à procura da perfeição. Ao oferecer a obra ao irmão, cortou o fio que o unia a ela, mas admite e reconhece que este, como leitor atento e esclarecido, poderia melhorá-la e corrigi-la. Ora nada disto é novo em termos conceptuais e enunciativos: as outras obras também são dedicadas a membros da família, são retoricamente apresentadas como imperfeitas, e assumidas como resultado de trabalho esforçado. Mas há aqui uma diferença substancial em termos estilísticos. Veja-se o implícito desta relação quase amorosa com a obra, que já fora mencionada de forma linear no prólogo das *Coplas*, quando o autor menciona «el

¹⁷ Elena Gascon Vera, *Don Pedro, Condestable de Portugal*, pp. 143-175.

¹⁸ Marquês de Santillana, *Poesias*, pp. 637-639.

¹⁹ Luís Adão da Fonseca, *Obras*, p. 308.

²⁰ Idem, *ibidem*.

grande e singular amor que han los poetas a sus obras», mas aí limitara-se a sustentar sua afirmação com uma citação de Aristóteles²¹. Elegendo agora o símile com Penélope, o discurso ganhou um nível de evocação poética bastante mais interessante.

Esta pequena epístola de D. Pedro parece-me ser a que melhor define este príncipe de Avis como um erudito homem de Letras do seu tempo. Nela reconhece a importância e o valor da leitura como forma de apropriação de um saber ancestral, de que ele soube, ao longo da sua vida, retirar grande proveito. Não repetiremos aqui o que já foi largamente afirmado em relação à sua cultura, que é evidente pela dimensão e conteúdo da sua biblioteca e pelas abundantes citações e referências que ocorrem ao longo das obras que deixou. O conhecimento de tantos livros não lhe terá servido apenas para dar largas a um certo estilo eloquente e de ostentação cultural. Percebemos, sobretudo por aquilo que diz a D. Jaime, que a leitura foi para ele, e certamente desde muito cedo, fonte de conhecimento e de inspiração, mas teve também um efeito de terapia para o seu espírito. No Prólogo da *Tragedia* ele refere-se em particular a um momento doloroso em que a solidão o leva a um encontro íntimo com os textos. A intensidade com que se dedicou à leitura levou-o à produção de textos cuja utilidade para os seus leitores ele também reconhece. Tem sido afirmado de forma reiterada que não há originalidade literária nas suas obras, pelos conteúdos, pelo estilo e principalmente pelo conceito de Poesia, encarada na perspectiva da utilidade moral, pelo que D. Pedro nos surge ainda muito preso ao universo cultural da Idade Média. Mesmo assim, não devemos esquecer que estamos perante um escritor que em muitas passagens do que escreveu e sobre as quais quisemos deixar estas breves notas, revela preocupações com a liberdade de criar, com a originalidade, com o esforço permanente em procurar a perfeição, que achava só ser possível alcançar com um aturado estudo dos sábios. Por tudo isto penso que ele integra muito dignamente a história da cultura ibérica como figura modelar que soube conciliar o ideal da entrega às Armas e às Letras.

BIBLIOGRAFIA

- Dias, Aida Fernanda, *Coplas del menosprecio e contempto de las cosas fermosas del mundo*, Coimbra, Almedina, 1976.
- Dias, Aida Fernanda, *História Crítica da Literatura Portuguesa. Idade Média*, Lisboa, Ed. Verbo, 1998.
- Fonseca, Luís Adão da, *Obras Completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.
- Fonseca, Luís Adão da, *O Condestável D. Pedro de Portugal*, Porto, INIC, 1982.
- Gascon Vera, Elena, *Don Pedro, Condestable de Portugal*, Madrid, Fundacion Universitaria Española, 1979.
- Pina, Rui de, *Crónica do Senhor Rey D. Afonso V, Crónicas de Rui de Pina*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1977.
- Santillana, Marqués de, *Poesías Completas*, Madrid, Clásicos Castalia, 2003.
- Vasconcelos, Carolina M. de, *Dispersos. Originais Portugueses. I Varia* (1º vol.), Lisboa, Ed. da Revista Ocidente, 1969.

²¹ Idem, p. 181 e p. 182: «Diligunt poeta poemata suam plusquam filios». Adão da Fonseca identificou a fonte: *Ética a Nicómaco*, livro IX, cap. 7).